



R E V I S T A
D I A K O N I A

“SERVINDO A QUEM FOI CHAMADO A SERVIR.”



Ofício e
Confessionalidade

E X P E D I E N T E

EDITORES Adriano Gama
Elienai B. Batista

REVISÃO Ester Conceição dos Santos
Arielle de Eça

TRADUÇÃO Morgana Mendonça dos Santos

PROJETO Thiago A. Nunes
GRÁFICO

EDITORIAÇÃO Thiago A. Nunes

WEBSITE Israel F. B. Batista

FALE contato@revistadiakonia.org
CONOSCO

A revista Diakonia é uma publicação mensal do Instituto João Calvino. Os pontos de vista expressos nesta revista refletem os juízos pessoais dos autores, não representando necessariamente a posição de seus editores. Os direitos de publicação desta revista são do Instituto João Calvino. Permite-se reprodução desde que citada a fonte e o autor.

O Instituto João Calvino está localizado na Rua José Veríssimo no. 777, Aldeia, km 8 - Camaragibe - PE.
CEP: 54789-080. joacalvino.org

Copyright 2018 Instituto João Calvino. Todos os direitos reservados.

S U M Á R I O

ELIENAI
BATISTA



EDITORIAL

04

ADRIANO
GAMA



SUBSCRIÇÃO DAS CONFISSÕES:
UM INSTRUMENTO DE
SEGURANÇA ESPIRITUAL PARA
A IGREJA

06

JIM
WITTEVEEN



O LUGAR DAS CONFISSÕES
NO TREINAMENTO PARA O
MINISTÉRIO

10

DR.
NICOLAAS
H. GOOTJES



A PREGAÇÃO CATEQUÉTICA —
PARTE 1

14

JIM
WITTEVEEN



A NATUREZA PASTORAL DOS
CÂNONES DE DORT

29

EDITORIAL

Elienai B. Batista

É com alegria que apresentamos aos nossos leitores a quarta edição da Revista Diakonia. Desta vez, trataremos da relação entre os ofícios e as confissões reformadas. Sem dúvida, é um tema pertinente não só para entendermos o compromisso dos oficiais com suas confissões, mas também para percebermos como as confissões são úteis aos oficiais no desempenho de seu serviço.

Uma das primeiras coisas que devemos notar quanto ao tema em questão é que se requer dos oficiais, mais do que se requer dos membros da igreja. Quando uma pessoa deseja se tornar membro comungante em uma das igrejas da Confederação das Igrejas Reformadas do Brasil, geralmente receberá instrução no Catecismo de Heidelberg, pelo menos uma visita pastoral que tratará sobre a fé e a vida da pessoa, e depois serão feitos anúncios, por dois domingos, à igreja, para verificar se não há objeções de que a pessoa seja recebida como membro. E, finalmente, em um culto solene a pessoa fará a sua pública declaração de fé perante Deus e Sua igreja.

Esta declaração de fé é simples e toca apenas nos principais pontos da fé cristã. É evidente que durante a visita pastoral, antes da recepção de tal pessoa, os presbíteros perguntarão sobre aquilo que ela aprendeu na catequese, isso porque se espera que esta

pessoa se una aos demais membros na unidade da verdadeira fé. Porém, não se requer de quem deseja se tornar membro da igreja uma subscrição confessional.

Já em relação aos oficiais, depois de todo um processo para a eleição, estes só podem ser ordenados após subscreverem as Três Formas de Unidade. Por que se requer tal coisa dos oficiais? Como surgiu tal prática? Qual o seu objetivo? Que compromissos assumem os oficiais ao subscreverem as confissões das Igrejas Reformadas? Estas e outras questões são esclarecidas no artigo do Pr. Adriano Gama - **Subscrição das Confissões: Um Instrumento de Segurança Espiritual para a Igreja**. O artigo, além de apresentar dados históricos, demonstra a importância da subscrição confessional para a igreja e seus oficiais.

Compreendendo esta importância, as Igrejas Reformadas do Brasil requerem dos candidatos ao ministério da Palavra, que memorizem o Catecismo de Heidelberg na sua totalidade, e o conteúdo da Confissão Belga e dos Cânones de Dort. Além disso, em seus estudos no Instituto João Calvino, os candidatos ao ministério da Palavra dedicarão em sala de aula, mais 105 horas no estudo das confissões. Esse cuidado tem como objetivo conceder ao futuro ministro uma compreensão das confissões que lhe permita fazer com entendimento a subscrição que lhe é requerida. É isso que

nos explica o Pr. Jim Witteveen em seu artigo - **O lugar das confissões no treinamento para o ministério**. No artigo em questão, ele oferece além de dados históricos, as razões para tal cuidado. Ele mostra que o estudo das confissões no seminário é importante não só porque funciona como uma forma de defesa contra erros e heresias, mas também, porque o conhecimento das confissões serve como uma ajuda imensa ao pastor no seu trabalho de pregação, ensino e evangelização.

Esta segunda razão, a utilidade das confissões para o trabalho pastoral, pode ser percebida nos dois últimos artigos desta edição.

O primeiro deles é o artigo do Dr. Niek H. Gootjes - **A Pregação Catequética**. Neste artigo, o Dr. Gootjes apresenta uma introdução histórica à pregação catequética, que lida com três pontos levantados por Ph. Schaff em sua obra “The Creeds of Christendom” (Os Credos da Cristandade). O artigo começa com a pregação catequética em Heidelberg e retorna a Genebra, à Reforma Luterana, ao período antes da Reforma chegando até aos pais da Igreja. Depois, demonstra como a pregação catequética foi desenvolvida nas Igrejas dos Países Baixos, e como no Grande Sínodo de Dort (1618-1619) delegados de vários países falaram sobre o tema. Apesar de o artigo apresentar o tema de uma perspectiva histórica, através dela somos lembrados de nossas próprias responsabilidades no que diz respeito ao

ensino das confissões na igreja. Os dados históricos apontam para a preocupação das igrejas reformadas e a utilidade das confissões para a saúde das igrejas. Creio que o artigo do Dr. Gootjes contribui de forma significativa para percebermos que a pregação catequética não foi um desenvolvimento posterior ou restrito às Igrejas Reformadas dos Países Baixos, mas que é uma prática histórica nas Igrejas de Cristo ao longo dos séculos.

Concluimos com mais um artigo do Pr. Jim Witteveen - **A Natureza Pastoral dos Cânones de Dort**. Neste artigo percebemos que esta confissão da igreja considerada a mais complexa e talvez mais teológica das confissões, é não só um instrumento útil aos ministros da Palavra, mas também aos demais pastores (presbíteros) da igreja no seu trabalho de cuidar das ovelhas de Cristo. E eu diria, com as devidas adaptações, que é também um instrumento muito útil no exercício do ministério da misericórdia.

Seja você ou não um oficial em uma igreja de Cristo, ao ler esta edição da Revista Diakonia você será muitíssimo edificado. Se isso acontecer, eu o encorajo a compartilhar o conteúdo da revista com os oficiais de sua igreja (talvez você queira imprimir e presentear-los) e com outras pessoas. Esperamos que o Supremo Pastor da Igreja utilize estas páginas para promover a edificação de Sua Igreja e a glória do Seu nome.

SUBSCRIÇÃO DAS CONFISSÕES: UM INSTRUMENTO DE SEGURANÇA ESPIRITUAL PARA A IGREJA

Adriano Gama

Quando se fala a palavra “subscrição” lembramo-nos do ato de assinar algum documento, confirmando ou firmando o conteúdo nele escrito. Nós conhecemos bem o que seja uma subscrição, pois assinamos certidões de casamento, habilitações, contratos, cheques, recibos ou outros documentos que exigem de nós uma confirmação ou um compromisso com algo ou alguém. O Brasil é o país dos cartórios e de muitas assinaturas em pedaços de papel! Enfim, uma subscrição, apesar de ser apenas uma assinatura posta em um pedaço de papel, pode servir como um instrumento de segurança para quem assina ou para quem depende da assinatura colocada no papel.

Na Igreja de Cristo também há lugar para subscrições. Existe a subscrição das certidões de casamento, das atas de cada conselho e dos concílios que confirmam as decisões tomadas por essas assembleias eclesiais. Os concílios reformados e presbiterianos somente recebem delegados com cartas credenciais assinadas por seus respectivos conselhos. E dentro da prática reformada con-

tinental os oficiais subscrevem um documento por meio do qual se comprometem a ensinar, a defender e a se submeter às doutrinas bíblicas expostas nas confissões adotadas por suas igrejas.¹ Por meio desse mesmo documento, os oficiais também se colocam debaixo da disciplina eclesiástica, se não cumprirem seu compromisso com suas confissões. Esse documento é conhecido como Forma de Subscrição das Confissões.²

No estudo da história da Igreja, descobrimos uma antiga relação entre unidade na doutrina cristã e a subscrição de credo e de confissões. A Igreja Antiga para manter a unidade definiu sua fé no credo Apostólico, Niceno e Atanasiano (Credos Ecumênicos). A Igreja que continuou na Reforma fez o mesmo para se manter na unidade da fé cristã e para se distinguir da igreja do Papa e dos movimentos radicais de sua época. Temos uma multiplicidade de confissões e catecismos confeccionados durante e depois da Reforma que testemunham que os cristãos reformados estão unidos à Igreja Antiga na fé revelada e encerrada na Escritura.

Sabemos que os credos antigos e as confissões não são a Palavra de Deus, mas são o ensino fiel dela (até que se prove o contrário). As igrejas de Cristo sempre entenderam que a unidade na Doutrina é o fundamento da unidade entre elas. Podemos dizer que as confissões são a pedra fundamental de nossa existência como uma denominação e da vida confederacional.

Dentro da grei reformada temos, no exemplo de João Calvino (1509-1564), um bom entendimento da importância de confissões para unidade e existência denominacional. Uma das primeiras coisas que ele fez quando começou seu ministério em Genebra (Suíça) foi escrever uma Confissão de Fé.

Vemos o amor pela unidade no exemplo de diversas igrejas. As igrejas na França, em seu primeiro Sínodo (1559), aceitaram uma Confissão de Fé comum. As Igrejas Reformadas do Sul da Holanda (hoje Bélgica), da mesma maneira, aceitaram a Confissão de Fé Belga no seu primeiro Sínodo (Armentieres, 1563). As Igrejas das províncias do Norte da Holanda fizeram também o mesmo no seu primeiro Sínodo (Enden, 1571). Elas rapidamente adotaram, obrigatoriamente, a mesma Confissão e o Catecismo de Heidelberg. Todo esse testemunho histórico ensina como reformadores e as igrejas de Cristo sentem a necessidade de assegurar a pureza da doutrina e unidade na fé cristã desde o início de sua história.

Sobre os oficiais recai maior peso de manter protegida a pureza e a unidade na Fé. E, por isso, antes de começarem o exercício em seus ofícios, os oficiais têm o dever de subscreverem a Forma de Subscrição. Essa prática também é antiga.

Os credos ecumênicos foram subscritos pelos bispos de suas épocas.³ Durante as pri-

meiras décadas da Reforma do Século XVI, as igrejas da Holanda não tinham uma Forma de Subscrição. Os ministros faziam apenas uma declaração verbal de concordância e depois, uma simples subscrição foi usada, que não mostrava um compromisso muito claro com as confissões da confederação. Mas, com o passar do tempo, apareceu a necessidade das igrejas estabelecerem uma Forma de Subscrição que firmasse o compromisso e concordância plena dos oficiais com as Confissões Reformadas.

Essa necessidade se mostrou mais urgente por causa dos Arminianos (seguidores de Jacó Armínio: 1560-1609). Tanto Armínio como os ministros arminianos, subscreveram a Confissão e o Catecismo, porém, continuaram a expressar suas ideias contrárias a doutrina reformada, especialmente, contra a doutrina da eleição (Confissão de Fé Belga Arts. 16 e 17).

No início do ano 1608, um concílio regional na Holanda (Alkmaar) considerou que seria importante uma Forma de Subscrição mais bem elaborada, que desse segurança às igrejas contra heresias. Essa Forma de Subscrição continha uma declaração de plena concordância com o Catecismo de Heidelberg, a Confissão de Fé Belga e uma promessa que obrigava os seus assinantes de “manter a doutrina neles contidos e que ele abertamente rejeitava todas as doutrinas que se opusessem ao Catecismo e a Confissão de Fé Belga”.

Essa Forma do concílio regional foi adotada (com certas modificações) por outras assembleias eclesiásticas (concílios e sínodos) e, finalmente, o Grande Sínodo de Dort (1618-1619) definiu que ministros e os professores das universidades teriam que assiná-la (Art. 53 do Regimento de Dort). Essa subscrição tornou público

e claro o compromisso dos oficiais e professores com a Fé Bíblica ensinada nas Três Formas de Unidade: Confissão de Fé Belga, Catecismo de Heidelberg e os Cânones de Dort.

A Forma de Subscrição adotada pelas igrejas no Grande Sínodo de Dort foi com o tempo sofrendo pequenas adaptações. Hoje, a forma que os oficiais das Igrejas Reformadas do Brasil assinam tem a mesma natureza. E todos oficiais destas igrejas são conscientes das suas responsabilidades bem expressas nas partes da Forma de Subscrição.

Podemos dividir a Forma de Subscrição das Igrejas Reformadas em 4 partes:

Primeira, uma declaração de concordância plena, não parcial, com as Três Formas de Unidade: *“Estamos plenamente convictos de que a doutrina reformada, expressa nas Três Formas de Unidade – a Confissão de Fé, o Catecismo de Heidelberg e os Cinco Artigos da Fé Contra os Arminianos – está em plena conformidade com a Palavra de Deus, em todas as suas partes.”*

Segunda parte, uma promessa para ensinar e defender a doutrina reformada, e rejeitar e refutar todo erro doutrinário: *“Por isso prometemos que nós, cada um em seu próprio ofício, ensinaremos esta doutrina com dedicação, a defenderemos fielmente e rejeitaremos qualquer ensino que esteja em conflito com a doutrina reformada.”*

Terceira parte, uma promessa para expor dúvidas ou mudanças de pensamento quanto à doutrina: *“Prometemos que, caso fiquemos com uma objeção contra esta doutrina ou mudemos de pensamento, não ensinaremos ou defenderemos nosso pensamento, nem publicamente nem de outro modo, mas apresentare-*

mos nosso pensamento ao Conselho para que seja investigado por ele”.

Quarta parte, uma promessa de submissão à investigação e disciplina por parte do Conselho: *“Prometemos que sempre estaremos dispostos a explicarmos melhor nosso pensamento a respeito de qualquer parte da doutrina reformada, caso o Conselho exija isto por motivos fundamentados, a fim de reservar a unidade e a pureza da doutrina. Se quebrarmos esta promessa, também seremos suspensos, embora fique preservado nosso direito de apelar contra decisões consideradas injustas. Mas durante o período de apelação nós nos conformaremos com a sentença do Conselho.”*

O final da Forma de Subscrição mostra claramente o objetivo de se assinar tal documento: *“Assim declaramos e prometemos agir para a glória do Senhor e para a edificação da sua Igreja”.* Este final é muito importante, pois declara qual o fim principal dos ofícios dados à Igreja: *o SENHOR chamou e ordenou homens para Sua Glória e para a edificação da Sua Igreja (Ef 4.1-16).*

Os oficiais agem para glória de Deus quando mantêm pura a Sua doutrina, que é bem exposta em nossas Confissões. Os oficiais só edificam a Igreja quando mantêm a unidade da igreja na mesma Fé. Por isso, se justifica a boa prática de exigir a subscrição de compromisso dos oficiais com as Confissões, especialmente, no meio de um mundo onde se prega e se vive o relativismo e uma diversidade doutrinária que não glorifica a Deus nem edifica Sua Igreja.

Devo encerrar dizendo que, a Forma de Subscrição não é a segurança plena para manter a glória de Deus e a edificação da Igreja.

Pode haver mil tipos de subscrições, e todas elas serão sem efeito se não houver a disciplina eclesiástica dentro da Igreja. É a disciplina na Igreja que vai fazer valer o que se diz e se assina na Forma de Subscrição. Por meio da disciplina bíblica, a Forma de Subscrição se torna um eficiente instrumento de segurança espiritual para a Igreja de Cristo. A Forma lembra e firma o compromisso dos oficiais em proteger o rebanho do erro doutrinário e indica o caminho como eles devem tratar suas possíveis dúvidas sobre a fé. Além disso, a Forma orienta como também o conselho pode proteger a igreja de oficiais que queiram se rebelar contra a doutrina da Escritura e assim ameaçarem a segurança espiritual da igreja.

Portanto, encerro este artigo na esperança de que minhas palavras tenham esclarecido você sobre a prática reformada de termos uma Forma de Subscrição e a importância desta forma como instrumento de segurança espiritual para igreja. Faço isto para que você, entendendo essa importância, seja estimulado a orar e trabalhar a fim de que essa boa prática seja mantida e promovida no Brasil. Que o SENHOR Deus, em Jesus Cristo, nos guarde por Seu Espírito Santo e Sua Palavra.

Notas:

1 Regimento das Igrejas Reformadas do Brasil, Artigo 21 - Subscrição da Confissão: *“Todos os ministros da palavra, presbíteros e diáconos subscreverão as confissões das Igrejas Reformadas do Brasil, assinando a forma adotada para este fim. Quem recusar a subscrevê-la não será ordenado ou instalado ou será imediatamente suspenso do seu ofício pelo conselho, e os concílios não o receberão como delegado. Se um oficial persistir na sua recusa, será deposto de seu ofício”*.

2 Há igrejas de tradição e doutrina reformadas que não adotam um documento de subscrição, por exemplo, a Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB). Essas igrejas não têm uma forma de subscrição, mas exigem de seus oficiais e seminaristas licenciados declarações e votos de aceitação e de fidelidade aos Padrões de Westminster, a saber: Confissão, Catecismo Maior e Menor (ver: Constituição da IPB, Artigos: 1º; 114; 119 Parágrafo Único. Cf.: Manual Presbiteriano, Perguntas Constitucionais 2 de cada uma das quatro formas adotadas para ordenação de presbíteros, diáconos, para licenciatura de pregadores e ordenação de ministros da Palavra).

3 Simões, Ulisses Horta. Subscrição Confessional – Necessidade, Relevância e Extensão, p. 33, 45. Belo Horizonte: Efrata Publicações e Distribuição, 2002.

Bibliografia recomendada:

1. Degier, K. Explanation of the Church Order of Dordt: In Questions and Answers – Netherlands Reformed Book and Publishing Committee. Grand Rapids: 2000.
2. Van Dellen and Monsma. The Church Order Commentary: A Brief Explanation of the Church Order of the Christian Reformed Church.
3. Van Oene, W. W. J. With Common Consent – A practical guide to the use of the Church Order Of the Canadian Reformed Churches - Premier Publishing.
4. Feenstra, Peter G. Unspeakable Comfort – A Commentary on The Canons of Dort - Premier

Pr. **ADRIANO GAMA** é ministro da Palavra servindo na Igreja Reformada em Colombo - Paraná. Ele é um dos editores do site e da revista Diakonia.

O LUGAR DAS CONFISSÕES NO TREINAMENTO PARA O MINISTÉRIO

Jim Witteveen

No Instituto João Calvino, o seminário das Igrejas Reformadas do Brasil, uma disciplina central é chamada “Simbólica” - o estudo dos “símbolos” da fé cristã, os credos ecumênicos e as confissões reformadas. Nossos alunos precisam decorar o Catecismo de Heidelberg na sua totalidade, e o conteúdo da Confissão Belga e dos Cânones de Dort. Nos quatro anos dos estudos, mais do que 105 horas na sala de aula são dedicadas ao estudo das confissões.

Por quê? Obviamente, nós acreditamos que o estudo das confissões das Igrejas Reformadas é essencial à educação teológica, para homens que estão se preparando para o ministério do Evangelho. Mas, você pode dizer, por que não usar este tempo para estudar a Bíblia, em vez das confissões, que são, afinal, documentos não inspirados, escritos por homens?

Em primeiro lugar, precisamos enfatizar que esta prática não é uma novidade. Na história da Igreja, especialmente desde a Reforma Protestante, o estudo dos credos e confissões tem sido visto como fundamental na preparação de

futuros ministros da Palavra e dos sacramentos. Antes da sua ordenação, desde a época da Reforma, os candidatos ao ministério precisam mostrar seu entendimento destes símbolos da fé - o conteúdo, o significado, e a base bíblica das verdades que a Igreja confessa e ensina. As Igrejas Reformadas sempre entenderam que este conhecimento das confissões é um dos propósitos fundamentais da preparação de um ministro.

Em segundo lugar, temos que destacar a Forma de Subscrição Para os Ministros da Palavra das Igrejas Reformadas do Brasil, que todos os ministros precisam assinar. Quando novos ministros são ordenados, eles fazem um voto solene, em que eles declaram, “*Estamos plenamente convictos de que a doutrina reformada, expressa nas Três Formas de Unidade... está em plena conformidade com a Palavra de Deus, em todas as partes*”.

Para fazer este voto, o ministro precisa saber o que ele está dizendo. Não podemos dizer honestamente, “*Estou plenamente convicto de que a doutrina reformada, expressa nas Três Formas de Unidade, está em plena*

conformidade com a Palavra de Deus”, se não sabemos o conteúdo destes documentos! O voto não é simplesmente uma questão de tradição. Para permanecer significativo, e não apenas um ritual que fazemos porque é algo que os nossos antepassados na fé fizeram, o voto precisa ser feito com pleno entendimento e com honestidade. Este voto exige estudo cuidadoso destes documentos que o ministro declara ser verdade e um reflexo acurado do ensinamento da Palavra.

O ministro também promete que ele ensinará *“esta doutrina com dedicação, e a defenderá fielmente.”* Ele promete que não ensinará ou publicará *“nada, o que diretamente ou indiretamente esteja em conflito com esta doutrina”*. E ele promete que não somente rejeitará *“qualquer ensino que esteja em conflito com a doutrina reformada, mas que também ajudará a contestar e refutar tal ensino.”*

Para ensinar, o professor precisa conhecer a sua disciplina. O professor de Biologia precisa conhecer o material que ele vai ensinar. O professor de História precisa saber as questões básicas da História que ele quer comunicar aos alunos. Imagine um homem que tenta ensinar a doutrina cristã sem saber o conteúdo daquela doutrina - seria um absurdo! Se o estudo de disciplinas como a Biologia e a História exige este esforço na parte daqueles que querem ensiná-las, quanto mais aqueles que ensinarão assuntos com consequências eternas?

Mesmo assim, não podemos negar o fato de que, muitas vezes na história da Igreja, isso é exatamente o que aconteceu. Pense, por exemplo, em Charles Finney, o pregador

evangélico cuja doutrina e prática ainda têm muita influência (negativa) no mundo evangélico. Finney, que abertamente negou muitas doutrinas reformadas, incluindo a imputação da obediência de Cristo aos crentes, e pregou uma forma de pelagianismo, foi ordenado numa igreja presbiteriana. Mas na autobiografia, *The Memoirs of Charles Finney: The Complete Restored Text* (Grand Rapids: Academie, 1989), 53-54, ele escreveu isso sobre a confissão da igreja:

“Eu não tinha examinado isso, isto é, o grande trabalho, contendo os catecismos e a Confissão Presbiteriana. Isso não fazia parte do meu estudo. Eu respondi [aos examinadores] que o recebi por substância da doutrina, na medida em que entendi. Mas eu falei de uma maneira que claramente implicava, eu acho, que eu não pretendia saber muito sobre isso.”

De fato, a evidência do ministério de Charles Finney e a herança que ele deixou à igreja evangélica, mostram que esta ignorância (e, na verdade, esta rejeição) das doutrinas da igreja, resumidas nas confissões, não somente prejudicou a igreja durante o ministério dele, mas continua a prejudicando até hoje. Sabemos que Charles Finney estudou a Bíblia, que ele conheceu o conteúdo da Bíblia mais do que muitos. Mas ele também expressou certo orgulho sobre o fato de que ele leu a Bíblia como um ser independente, sem dependência na interpretação da igreja nos séculos passados. Ele disse coisas como:

“Eu não tinha lido nada sobre o assunto, exceto a minha Bíblia... Não me lembro de ter lido uma página sobre o assunto, exceto o que encontrei na Bíblia... Não tive para onde ir, mas

diretamente para a Bíblia... Eu digo que Deus me ensinou, e eu sei que deve ter sido assim, porque, com certeza, eu nunca obtive essas noções de um homem... E muitas vezes pensei que poderia dizer com perfeita sinceridade como Paulo disse, que nenhum homem me ensinou o Evangelho, mas somente o Espírito do Cristo mesmo” (Finney, p. 44, 45, 57, 87, 94).

No livro *The Gospel and Charles Finney: The Tragic Pastoral Results of Pastoral Theology* (Myrrh Books, Overland Park, Kansas, 2018: p. 76,77), John. D. Gillespie escreve:

“Tal afirmação, quando nativamente acreditada, coloca a teologia de Finney fora do alcance do exame e escrutínio. Esta afirmação, sendo amplamente aceita, fez muito para contribuir ao mito de Charles Finney. Ao dissecar a teologia de Finney, devemos procurar o histórico Charles Finney. Porque enquanto o mito existir, a sua teologia continua sendo algo que ninguém pode questionar, e muito menos reprovar, nas mentes dos crédulos.”

Gillespie está correto. Como podemos julgar a teologia de Finney, quando ele reivindica que ele recebeu esta doutrina diretamente das páginas da Bíblia, sendo ensinado pelo Espírito Santo, e não por homens? O que é que podemos usar para julgar o ensinamento de um pastor, quando ele faz uma declaração deste tipo?

Realmente, o ensinamento de Finney (e os discípulos modernos de Finney, que tem muita influência entre os evangélicos no Brasil) não vem diretamente das páginas da Bíblia, sem mediação, ou diretamente por meio de revelações do Espírito Santo. Esses ensina-

mentos têm raízes no ensino de Pelágio, de teólogos da Idade Média, e de Armínio. Todos leem a Bíblia com certos pressupostos desde o início - é impossível abordar o texto da Escritura sem estes pressupostos, sem influências externas. Precisamos reconhecer este fato, e assegurar que nossos pastores começam com os pressupostos corretos e ortodoxos, confirmados não por homens individuais, mas pela própria igreja. E são as confissões, os documentos da igreja, não dos indivíduos, que realizam este propósito.

Nossa última razão pode ser expressa em uma forma mais positiva. Até aqui nós vimos como o estudo das confissões funciona como uma forma de defesa contra erros e heresias. Mas podemos destacar também o lado positivo, a bênção que temos nas confissões. Porque um forte conhecimento das confissões serve como uma ajuda imensa ao pastor no seu trabalho de pregação, de ensinamento, e de evangelização. As confissões fornecem respostas prontas que os pastores podem usar para responder às perguntas dos membros da congregação, às dúvidas de novos crentes, e os desafios de descrentes no contexto de evangelização.

Podemos pensar no exemplo do Dia do Senhor 1 do Catecismo de Heidelberg. A primeira pergunta e resposta do nosso Catecismo nos fornece um ponto de partida em conversas iniciais com novos contatos. Podemos usar a pergunta para destacar a falta de consolo na vida do descrente, e a resposta como resumo do evangelho. Nosso único consolo é diferente do que o consolo do mundo, e completamente contracultural. O Catecismo nos fornece o padrão que podemos usar para salientar, simples

e claramente, a diferença entre a cosmovisão do cristão e a cosmovisão mundana.

Adicionalmente, a Confissão Belga pode ser usada como esboço para ensinar novos crentes sobre as bases da fé reformada. A igreja reformada tem um recurso precioso nesta confissão, e quando os ministros da Palavra conhecem o recurso, e como este pode ser usado neste contexto, ele tem uma ferramenta poderosa; não precisamos “reinventar a roda” quando já temos recursos de alta qualidade e confiabilidade prontamente disponíveis!

E finalmente, os Cânones de Dort obviamente nos dão a ferramenta perfeita na defesa bíblica das doutrinas da graça, os assim chamados “cinco pontos do Calvinismo.” Mas não somente isso: esta confissão também fornece um poderoso recurso pastoral que os pastores podem usar no trabalho de aconselhamento pastoral, encorajando, por exemplo, membros que estão lutando com dúvidas e dificuldades na vida da fé.

No final das contas, as confissões são indispensáveis no ministério pastoral dos pastores, em todos os seus aspectos. Além de protegerem a ortodoxia da igreja, as confissões providenciam recursos vitais para os pastores do rebanho de Deus, ferramentas que podem ser usadas efetivamente por aqueles que têm treinamento adequado no uso delas.

As igrejas reformadas receberam um grande dom nas confissões produzidas pelos nossos antepassados na fé. Cabe a nós usar este dom, e assegurar que as próximas gerações, os nossos herdeiros, tenham acesso a este dom também. Por isso, treinamento e instrução nas confissões e credos da igreja devem permanecer como o aspecto central da educação dos nossos futuros pastores.

Pr. **JIM WITTEVEEN** é ministro da Palavra servindo como missionário da Igreja Reformada em Aldergrove (Canadá) em cooperação com as Igrejas Reformadas do Brasil.

A PREGAÇÃO CATEQUÉTICA (PARTE 01)

Dr. Niek H. Gootjes

Introdução

A pregação catequética não é uma prática geral dentro das igrejas que formam juntas a Conferência Internacional das Igrejas Reformadas (ICRC).¹ Em geral, pode-se afirmar que o Catecismo é pregado nas igrejas de origem reformada, holandesa, e que as igrejas de origem presbiteriana, inglesa/escocesa, não têm esse costume. Quando as igrejas que têm pregação catequética e as igrejas que não têm se encontram em uma organização como a ICRC, pode ser útil discutir tal diferença. Para uma boa discussão, no entanto, é preciso, em primeiro lugar, um entendimento comum sobre o assunto.

O que é a pregação catequética, e por que surgiu? Nosso ponto de partida será aquilo que Ph. Schaff escreveu em *The Creeds of Christendom* (Os Credos da Cristandade). O que ele disse pode, até hoje, expressar o entendimento geral da pregação catequética. Schaff era um admirador do Catecismo de Heidelberg. Em seu livro sobre a história dos

credos, ele dedicou um dos maiores parágrafos a esse catecismo. Sobre a pregação catequética, ele afirmou o seguinte:

Bibliotecas inteiras de paráfrases, comentários, sermões, ataques e defesas foram escritos sobre esse assunto. Em muitas igrejas reformadas, especialmente na Holanda (e também nos Estados Unidos), foi e é, de certo modo, obrigatório ou convencional explicar o Catecismo do púlpito todos os domingos à tarde. Por isso, as questões estão divididas em cinquenta e dois domingos, seguindo o exemplo estabelecido pelo catecismo de Calvino.²

Em uma nota do rodapé, ele acrescentou sobre a divisão em cinquenta e dois domingos:

Esta divisão foi primeiro introduzida na edição latina de 1566, talvez antes.³

O que Schaff disse sobre a pregação catequética pode ser resumido em três afirmações:

1. Schaff é vago sobre a pregação ser ou não um dos propósitos originais do Catecismo de Heidelberg. Se não foi um propósito original, foi, ao menos, precoce. Esse catecismo foi publicado inicialmente em 1563; a divisão em 52 domingos na edição de 1566, mostra que, a partir desse momento, o catecismo teve de ser pregado.

2. A divisão em 52 domingos aponta para Calvino. A partir disso, pode-se concluir que o costume da pregação catequética remonta a Calvino.

3. A pregação catequética foi e é especialmente um costume das igrejas holandesas e das igrejas de origem holandesa.

Na visão de Schaff, e provavelmente também na visão da maioria das pessoas reformadas no mundo, a pregação catequética tem uma dupla limitação: ela pertence à tradição calvinista, e dentro da tradição calvinista, ela pertence à Holanda.

A seguir, examinaremos as três afirmações de Schaff. Isso nos dará a base necessária para discutir adequadamente o valor da pregação catequética.

O Catecismo de Heidelberg e a Pregação

O Catecismo de Heidelberg foi adotado oficialmente em janeiro de 1563. Este Catecismo passou por algumas mudanças antes de ser incluído na Ordem da Igreja do Palatinado, a qual o Eleitor do Palatinado publicou em 15 de novembro de 1563.⁴ A divisão em 52 Dias do Senhor, ocorre pela primeira vez nesta edição.⁵ Schaff então, estava certo quando defen-

deu uma data precoce para a divisão em Dias do Senhor. No entanto, essa divisão era ainda mais precoce do que Schaff sabia, e aconteceu durante o mesmo ano em que o catecismo foi publicado pela primeira vez.

É interessante ler na Ordem da Igreja como o lar, a escola, e a igreja, tinham que cooperar na instrução no catecismo. Os alunos tinham que aprender as perguntas e as respostas do catecismo na escola e em casa. No culto vespertino, eles tinham que dizer as perguntas e as respostas que o ministro havia pregado no domingo anterior, bem como as perguntas e as respostas para aquele culto. Para esse propósito o Catecismo havia sido dividido em Dias do Senhor. Ao menos uma vez por ano, o ministro tinha de pregar através do catecismo.⁶ A Ordem da Igreja mostra que a divisão em Dias do Senhor estava relacionada com a pregação.

Apesar disso, ainda pode permanecer a impressão de que a pregação sobre o Catecismo de Heidelberg foi uma consideração *a posteriori*. Pois o catecismo foi publicado em janeiro de 1563, e a Ordem da Igreja, que prescreve a pregação sobre o catecismo, não foi publicada até novembro daquele ano. Contudo, a história ensina de forma diferente. Há vários indícios de que a pregação catequética foi planejada desde o início, quando o Catecismo de Heidelberg foi elaborado.

Um indício pode ser encontrado em uma carta que Ursino, o principal autor do Catecismo de Heidelberg, escreveu em 1563. Nessa carta, ele se queixa de que tinha muito a fazer. As autoridades haviam adicionado à sua carga de trabalho a pregação catequética no culto dominical

das três horas, sermão que, anteriormente, era pregado por Oleviano.⁷ Isso mostra que a pregação catequética, pelo menos em Heidelberg, a capital do Palatinado, antecede a publicação da Ordem da Igreja.

Provavelmente, podemos identificar a pregação catequética com o início da sua elaboração. No prefácio da primeira edição do Catecismo de Heidelberg, datado de 19 de janeiro de 1563, o eleitor encorajou e orientou os pregadores e professores de seu principado a inculcá-lo nos jovens, nas escolas e igrejas, e nos homens comuns a partir do púlpito.⁸

O Catecismo de Heidelberg foi feito para ser ensinado nas aulas, bem como para ser pregado na igreja.

A Pregação Catequética antes do Catecismo de Heidelberg

Schaff afirmou que a divisão do Catecismo de Heidelberg em 52 Dias do Senhor remonta a Calvino. Isso implica, embora Schaff não diga tão explicitamente, que pregar o catecismo todos os domingos também era costume na Genebra de Calvino. A primeira afirmação não está completamente correta embora a segunda esteja.

Calvino escreveu dois catecismos: um antes de ser expulso de Genebra, e outro depois do seu retorno. O segundo catecismo tem a mesma forma do Catecismo de Heidelberg, em perguntas e respostas. Ele foi publicado em duas línguas: em 1542, em francês; e em 1545, em Latim. A edição francesa tem, em forma de notas de rodapé, uma divisão em Dias do Senhor.⁹ A falta dessa divisão na versão la-

tina é notável. A versão em latim foi destinada para o mundo eclesiástico em geral, para mostrar como a doutrina reformada era ensinada em Genebra. Portanto, não era necessário marcar uma divisão dos Dias do Senhor. Mas, a versão francesa foi feita para Genebra, para a membresia da igreja. Eles precisavam da divisão em Dias do Senhor uma vez que esse catecismo era pregado no Dia do Senhor. Ele não tem, contudo, uma divisão em 52 Dias do Senhor, como no Catecismo de Heidelberg, mas uma divisão em 55 Dias do Senhor. Isso significa que Genebra não tinha a mesma regra que Heidelberg, de pregar anualmente através de todo o catecismo? Como era organizada a pregação catequética em Genebra?

Calvino fez o catecismo para cumprir as regras da Ordem da Igreja de Genebra de 1541 concernente à pregação. Esta Ordem prescrevia que três cultos deveriam ser realizados a cada domingo; desses, o culto intermediário, que começava ao meio-dia era o culto de catequese: “*Ao meio dia deve haver catequese, isto é, a instrução das crianças em todas as três igrejas*”.¹⁰ Quando essa instrução é repetida, mais adiante, na Ordem da Igreja, algo é adicionado: “*Uma Forma definitiva deve ser elaborada, pela qual elas serão instruídas e, tendo sido ensinadas, elas serão interrogadas sobre o que foi dito, para que se verifique se elas escutaram e memorizaram bem*”.¹¹

Esses regulamentos oferecem-nos uma percepção das tradições dessa época. A instrução catequética da igreja não acontecia durante a semana, mas no domingo.¹² O próprio culto era usado como uma classe de catecismo. Desta forma, os alunos tinham que recitar o catecismo durante o culto, e responder

a outras perguntas, para mostrar que tinham entendido o sermão. Quem participava desses cultos de catequese? Não somente as crianças, embora os regulamentos não deixem isso completamente claro. Os professores e os pais tinham que acompanhar as crianças, os criados deveriam participar igualmente, e os estrangeiros que viviam em Genebra.¹³

Em lugar algum na Ordem da igreja de Genebra, contudo, encontramos uma regra de que o catecismo deveria ser pregado em um ano. Eis uma diferença entre Genebra e Heidelberg. Mas, em geral, existe uma surpreendente semelhança a respeito da pregação catequética. Contudo, seria um erro concluir que a pregação do Catecismo de Heidelberg foi derivada de Calvino. De fato, isso era o costume geral nas igrejas da Reforma.

A Pregação Catequética nas igrejas da Reforma

A pregação catequética pode ser encontrada já em Lutero. Em 1527, dez anos após Lutero ter publicado suas 95 teses, as visitas pastorais foram organizadas nas igrejas que seguiram Lutero no caminho da Reforma. Um dos primeiros visitantes foi o próprio Lutero. Ele agora teria oportunidade de ver por si mesmo como a reforma que ele havia começado estava progredindo a nível local. Ele ficou chocado, pois descobriu que as pessoas comuns da igreja não sabiam quase nada, particularmente nas áreas rurais. Uma das principais razões era que os ministros não haviam sido treinados para serem ministros da Palavra. Na maioria das vezes, eram ex-padres que não haviam aprendido a pregar.

Então, Lutero revisou os sermões que havia pregado nos Dez Mandamentos, no Credo Apostólico, na Oração do Senhor e nos Sacramentos e publicou-os sob o título “Catecismo Maior” (1529). Eles tinham o propósito de servir como modelos de pregação para os ministros, para que pudessem pregar sobre as principais partes da doutrina.¹⁴ A este Catecismo Maior, Lutero adicionou o Catecismo Menor, um catecismo que deveria ser lido diariamente e usado na instrução das crianças. A instrução catequética foi a resposta de Lutero quando o movimento da Reforma tropeçou na falta de conhecimento.

Isso levou à instrução a respeito da pregação catequética na Ordem da igreja por Wittenberg em 1533. Todo domingo, de manhã cedo, o sacerdote ou diácono tinha que pregar a partir do catecismo. Quando todo o catecismo já havia sido tratado, ele tinha que começar tudo novamente. Assim, o pregador tinha a oportunidade suficiente para explicar bem e diligentemente todo o catecismo, especialmente aquilo que as pessoas comuns necessitavam.¹⁵ Pregar a partir do Catecismo significa, aqui, pregar sobre as partes principais nas quais as crianças e os membros da igreja tinham que ser instruídos: O Credo, os Dez Mandamentos e a Oração do Senhor, à qual uma parte sobre os sacramentos foi adicionada. Havia diferenças entre a prática luterana e calvinista da pregação catequética. O Catecismo Maior de Lutero, oferecia exemplos de sermões catequéticos, o Catecismo de Genebra, por outro lado, não consistia de sermões, mas deveria ser usado como ponto de partida para a pregação. Outra diferença é que, no luteranismo, a pregação catequética

ca foi, desde o início, diferenciada da instrução catequética dos jovens membros da igreja. A instrução catequética particular já existia desde 1521. As igrejas reformadas chegaram só mais tarde à conclusão de que a instrução catequética que leva à admissão na Ceia do Senhor poderia ser melhor conduzida separadamente da pregação catequética. Este foi o início de mais de dois séculos de pregação catequética nas igrejas luteranas.¹⁶

A necessidade da pregação catequética foi sentida não apenas dentro do luteranismo, como também dentro da reforma zwingliana. Em 1532, Bullinger e Leo Judae fizeram um regulamento para os ministros da cidade de Zurique. Uma das regras era que os ministros deveriam pregar um artigo da fé cristã no culto vespertino. Quando, no ano seguinte, o Catecismo de Leo Judae, foi publicado, ele foi usado como base para a pregação do catecismo.¹⁷

Podemos concluir que a pregação catequética foi instituída nas três principais correntes de reforma no continente: no Luteranismo, no Zwinglianismo, e no Calvinismo. Inglaterra e Escócia parecem ter sido a exceção. Não pude encontrar vestígios da pregação catequética lá. Com exceção da congregação de refugiados que se reunia em Londres, pois de acordo com a Ordem dessa igreja, o catecismo tinha que ser pregado.¹⁸

Schaff, portanto, estava muito limitado quando viu por trás da pregação do Catecismo de Heidelberg apenas a reforma de Calvino em Genebra. A pregação catequética era uma instituição comum nas igrejas da reforma no continente europeu.

A Pregação Catequética antes da Reforma

Seria a pregação catequética, considerada no sentido de pregação nos resumos da fé cristã (o Credo, os Dez Mandamentos, a Oração do Senhor e o significado dos Sacramentos), uma invenção da Reforma? Lutero dizia: “*Nós temos o catecismo no púlpito, algo que não acontecia há mil anos*”.¹⁹ Isso está correto, no sentido de que, geralmente, os ministros não pregavam sobre o catecismo. No entanto, pode-se demonstrar que a necessidade da pregação catequética foi reconhecida durante a Idade Média.

Para começar com a Holanda, no final do século XIII, os sacerdotes locais eram instruídos a expor a Oração do Senhor e o Credo Apostólico todos os domingos, e os Dez Mandamentos e os sete Sacramentos da igreja, uma vez por mês ou, pelo menos, três ou quatro vezes por ano. Da observação adicional de que esta exposição deveria ser entregue de maneira facilmente compreensível e na língua materna, parece que a intenção era que os membros comuns da igreja compreendessem esses artigos de fé.²⁰ A exposição não teria sido pesada se tivesse ocorrido aos domingos, junto aos sermões no evangelho ou nas epístolas. Porém, uma enxurrada de exposições sobre os resumos catequéticos revelam que a instrução de 1294 teve seu efeito.²¹

Alguns anos antes, uma decisão similar havia sido tomada na Inglaterra. O Sínodo de Lambeth, em 1281, queixou-se sobre a falta de conhecimento entre o clero. Todos os pastores locais foram ordenados a ensinar o Credo, os Dez Mandamentos, os dois mandamentos principais, as sete obras de misericórdia,

os sete pecados capitais, as sete virtudes e os sete sacramentos.²²

Na Alemanha, Johannes Gerson pregava um material catequético: ele discutia os Dez Mandamentos e o Credo. Muitos outros pregadores populares pregavam sobre os temas do catecismo.²³ Isso deve ter levado a um costume de pregação catequética. Um livro sobre o ministério enaltece esse tipo de pregação. É chamado de bom costume quando os sacerdotes explicam no culto da manhã ou da tarde os Artigos de Fé e os Dez Mandamentos, para jovens e velhos, e perguntam-lhes o quanto eles têm entendido. Esse livro foi publicado em 1498, menos de 25 anos antes do início do movimento reformado.²⁴

A pregação catequética existia antes da reforma luterana. Podemos usar o próprio Lutero como prova disso. O próprio Lutero pregava o catecismo antes de 1517.²⁵ E no seu prefácio ao Catecismo Maior, Lutero mencionou os nomes de diversos manuais da Idade Média que continham tudo que os pastores deveriam ensinar.²⁶ Lutero, ao instituir a pregação catequética, apenas aplicou uma regra da Idade Média que nunca havia sido realmente implementada nas igrejas.²⁷ A insistência de Lutero, de que sua reforma foi a que primeiro trouxe o catecismo para o púlpito, está correta apenas no sentido de que a regra foi estabelecida e conservada.

Até que ponto este costume ascende à Idade Média? Pelo menos até cerca de 800 d.C. A pregação catequética foi enfatizada na restauração da igreja sob a influência do imperador Carlos Magno, da França. Uma regra que data de 789 ordena aos bispos que façam

com que os sacerdotes mantenham a verdadeira fé, e compreendam a oração do Senhor, e a preguem de maneira que seja compreensível a todos. Uma instrução de 852 diz que cada sacerdote deveria estudar extensivamente a explicação do Credo e da Oração do Senhor, de acordo com a tradição dos pais ortodoxos, e então, pregando (isso), instruir as pessoas que lhe são confiadas.²⁸ Estas regras mostram que a pregação catequética foi negligenciada, mas que, ao mesmo tempo, sua importância foi reconhecida.

A pregação catequética remonta ao tempo anterior à Idade Média. Podemos encontrar sermões para a instrução catequética já durante o período patrístico. Bem conhecidos são os sermões que Agostinho (354-430) pregou sobre o Credo. Ele também pregou uma série de sermões no Decálogo. Outros exemplos de pregações catequéticas podem ser encontrados em Cirilo de Jerusalém, em torno de 350 d.C. Ele explicou o Credo, os Sacramentos e o serviço²⁹ de culto nesses sermões.³⁰

Catecismos, bem como a instrução nos fundamentos da religião cristã, são tão antigos quanto o Cristianismo. Já na época dos Pais da Igreja, um dos meios de instrução catequética era a pregação sobre o catecismo.

A Pregação Catequética na Holanda

A terceira observação feita por Schaff foi que a pregação catequética manteve-se especialmente na Holanda e nas igrejas descendentes da Holanda. Isso está correto, mas, algumas observações precisam ser feitas. Essa pregação não criou raízes sem oposição e não manteve-se sem o apoio das igrejas em outros

países. Primeiro, veremos como a pregação catequética se estabeleceu na Holanda.

Já em 1566, três anos após sua adoção em Heidelberg, esse catecismo foi pregado regularmente em Amsterdã.³¹ Isso significa que a pregação catequética havia sido estabelecida de forma local, antes mesmo que a Ordem da Igreja para as Igrejas Reformadas tivesse sido adotada.

O primeiro esforço para organizar a vida das Igrejas Reformadas na Holanda foi feito em uma reunião realizada em Wezel, em 1568.³² Nos regulamentos elaborados, a pregação catequética foi considerada. Destacam-se três formas de instrução catequética: junto à igreja, os pais e os professores precisam ensinar o catecismo. Acerca do dever da igreja, a regra geral é a de que todos os esforços devem ser feitos para que as crianças não apenas aprendam a recitar o catecismo ao pé da letra, mas também entendam o seu significado. Deste modo, as crianças deveriam ser interrogadas (publicamente, durante o culto!) para verificar se conheciam as palavras e também se entendiam o conteúdo. Os irmãos que se reuniram em Wezel perceberam, então, que era necessário uma linguagem simples para a pregação catequética. Usando as palavras dos artigos de Wezel: “Ao explicar o catecismo, acima de tudo, é necessário uma linguagem que, na medida do possível, seja muito clara e ajustada à compreensão das crianças”.³³ A pregação catequética, como uma forma de instrução primária, requer linguagem simples.

No momento em que o sínodo provincial de Dordrecht se reuniu, em 1574, a pregação catequética parece ter se estabelecido nas igrejas. Este sínodo regulamentou que

mesmo no culto vespertino em que a Ceia do Senhor fosse celebrada, “a pregação catequética será mantida como de costume”.³⁴

Essa não é a única razão pela qual a pregação catequética foi discutida nesse sínodo. A questão levantada foi se não seria adequado ter boas homilias sobre o Catecismo de Heidelberg. Provavelmente, os ministros não achavam tarefa fácil pregar em materiais tais como o Credo, os Dez Mandamentos e a Oração do Senhor. Nesse ponto, lembramos de Lutero, que pretendia que o seu Catecismo Maior fosse como uma coleção de sermões modelo sobre o material catequético. O sínodo, no entanto, trouxe uma solução diferente. Nas reuniões dos classis,³⁵ os ministros deveriam revezar-se para oferecer breves exposições sobre algumas perguntas e respostas do catecismo. Desta forma, eles poderiam ajudar uns aos outros e aprender a explicar o catecismo “de forma completa e edificante”.³⁶ Contudo, isso parece não ter sido suficiente. O sínodo nacional de 1581,³⁷ teve de lidar com um pedido para que as homilias do Dr. Bastingius ou algumas outras explicações do catecismo fossem impressas, após terem sido examinadas por pessoas nomeadas pelo sínodo.³⁸ Foi decidido, então, que Bastingius e o classis a que pertencia sua igreja fariam as explicações sobre o catecismo.³⁹

O sínodo de 1586, fez novamente uma regulamentação a respeito da pregação catequética.⁴⁰ Os ministros, em todos os lugares, deveriam manter a regra de pregar o catecismo no culto vespertino. Desta forma, eles pregariam através do catecismo em um ano, de acordo com a divisão do catecismo nos Dias do Senhor.⁴¹

Essas decisões poderiam causar a impressão de que a pregação catequética teria sido estabelecida na Holanda sem muita dificuldade. É verdade que, no fim, o catecismo foi pregado em todas as igrejas, mas esse costume não foi firmemente estabelecido até cem anos após essas decisões. Antes desse tempo, a pregação catequética teve que superar dois desafios: a primeira objeção era de natureza prática, e a segunda era um ataque contra a pregação catequética como tal.

Surgiram muitos problemas práticos. A pregação do catecismo nem sempre era fácil de organizar, especialmente nas pequenas vilas do interior. Alguns ministros serviam em várias congregações rurais e pregavam em três ou quatro lugares por vez. Nessa situação, era difícil ter uma pregação catequética regular. Porém, o mais importante é que o culto catequético não era um culto popular. Uma reunião eclesiástica decidiu que os ministros do país que tinham apenas uma congregação deveriam pregar o catecismo à tarde, mesmo quando poucas pessoas estivessem presentes. A justificativa foi impedir a profanação do sabbath.⁴² A frequência no culto de catecismo era reduzida. Em um dos classes, a frequência em diferentes igrejas foi analisada. A igreja “A” havia convocado o culto catequético três vezes, mas ninguém havia comparecido. Na igreja “B”, não mais do que duas pessoas estiveram presentes durante três cultos catequéticos seguidos. A igreja “C” havia tentado muitas vezes realizar um culto catequético, mas não houve quem frequentasse. Na igreja “D”, o zelador era o único ouvinte.⁴³ Isso não deveria ser visto como uma rejeição da pregação catequética propriamente dita. As pessoas haviam se acostumado a ter as tardes de domingos livres para

seu próprio prazer. Levou cerca de um século para que a pregação catequética fosse firmemente estabelecida. Todavia, uma vez estabelecida, a pregação catequética resultou “em congregações maduras que não eram lançadas de um lado para o outro e levadas por todo vento de doutrina”, segundo as palavras de Schotel, que investigou sua história.⁴⁴

A segunda objeção contra essa forma de pregação tinha maior peso. O ministro da igreja de Gouda⁴⁵ quebrou a regra do sínodo de 1586 e recusou-se a pregar o catecismo. Aparentemente, a razão era que um texto escrito por homens não deveria ser lido e pregado nas igrejas. As principais assembleias não permitiram isso. Um sínodo provincial admitiu que um catecismo na forma de perguntas e respostas não está prescrito nas Escrituras. Porém, ter e ensinar um resumo dos artigos fundamentais da religião cristã é uma tradição apostólica, conforme Hebreus 6.1, que sempre foi mantida na igreja e tem grande utilidade.⁴⁵

A verdadeira razão por trás da recusa de se pregar o catecismo, era o fato de que muitos ministros, especialmente os de convicção arminiana, tinham objeções contra a doutrina do Catecismo de Heidelberg. Isso tornou-se conhecido em um incidente em particular, pouco antes do sínodo de Dort. Os ministros monstrentes foram convocados a declarar sua concordância com uma série de proposições extraídas do Catecismo de Heidelberg. Esses ministros, entretanto, não puderam declarar que concordavam com a doutrina do catecismo.⁴⁶

Como resultado dessas objeções, a pregação catequética foi discutida no Sínodo de Dort, em 1618.⁴⁷

A discussão no Sínodo de Dort

Convém ressaltar que a pregação catequética foi discutida no Sínodo de Dort quando não somente os representantes nacionais estavam presentes, mas também os representantes de igrejas estrangeiras. A pregação catequética não foi vista apenas como um assunto holandês. É notável que nas atas do sínodo apenas os conselhos dos delegados estrangeiros tenham sido preservados. Tendo em vista, que esses conselhos formam uma fonte direta para a história da pregação catequética nas igrejas Reformadas da época, mencionaremos aqui alguns fragmentos.⁴⁸

Os teólogos da Grã-Bretanha partiram da regra geral de que a prática dos apóstolos, a razão e a experiência nos ensinam que a catequização é necessária. Existem duas oportunidades para se explicar as doutrinas sagradas da fé: a habitual ocorre todos os domingos e a especial pertence à preparação para comparecer à Ceia do Senhor. À primeira, isto é, ao culto catequético, pessoas de todas as idades devem comparecer, mas apenas os jovens deverão ser submetidos ao interrogatório. Isso mostra que os representantes ingleses entendiam o culto catequético como uma aula pública de catequese. A recitação pública das perguntas e respostas é percebida como importante não apenas para os jovens, mas também para as pessoas mais velhas. Também os ajuda a memorizar o catecismo.

Os Britânicos também tinham um conselho para o ministro. Ele deveria explicar cada resposta o mais claramente possível. E deveria perguntar aos seus alunos sobre a sua explicação, para ver se foi compreendido. Se,

pelas respostas, parecer que a explicação foi compreendida, ele poderia dar-se por satisfeito; caso contrário, ele deveria (se possível) repetir e explicar o assunto mais claramente. Outra observação interessante é a de que o governo deveria apoiar a pregação do catecismo. Se o ministro fosse negligente, ele deveria ser punido, e se as pessoas mais velhas não estivessem presentes no sermão catequético, elas deveriam ser multadas.

Os teólogos do Palatinado afirmaram que não duvidavam que a principal razão pela qual tantas heresias podiam ser encontradas em todos os lugares fosse a negligência da catequese. Eles descreveram a situação em seu estado. Aos domingos à tarde, um breve sermão catequético era pregado. Depois disso, o ministro descia do púlpito, lia algumas partes da doutrina e explicava algumas perguntas e respostas selecionadas do catecismo para os adultos que nunca haviam frequentado a escola. O culto vespertino, aqui, tinha uma dupla função: ele servia para a pregação catequética, bem como para o ensino daqueles que não haviam aprendido o catecismo nas escolas.

Os teólogos de Hessia, outro estado da Alemanha, declararam que, em primeiro lugar, deveria haver um catecismo que não apenas estivesse em conformidade com as Escrituras, mas também que fosse adequado à compreensão dos estudantes. As igrejas holandesas tinham isso no Catecismo de Heidelberg. Esses teólogos, então, desejaram documentar que não concordavam com a oposição dos remonstrantes contra o Catecismo de Heidelberg.

Os ministros teriam o dever de ensinar o catecismo e pregá-lo nas horas regulares.

Aqueles que fossem negligentes deveriam ser punidos. Os pais deveriam estar presentes nos interrogatórios catequéticos públicos, para que pudessem repetir a instrução aos filhos. Nas vilas seria suficiente se o catecismo fosse ensinado depois da pregação catequética; nas cidades, haveria, além disso, duas aulas de catecismo durante a semana.

Os teólogos da Suíça explicaram que existiam diferenças na prática de suas repúblicas, mas que a instrução no catecismo era mantida em todos os lugares. Aos domingos, muitos sermões eram ministrados nas cidades e vilas, um deles era o sermão catequético. O catecismo era pregado a cada ano, para que, pela repetição, fosse mantido na memória.

O culto catequético aos domingos deveria ser frequentado por aqueles que não iam à escola. Em um dia de trabalho, durante a semana, o catecismo era pregado para os estudantes. Isso significa que todos os membros da igreja, semanalmente, escutavam o sermão catequético.

A prática de *Genebra* não está incluída no relatório dos teólogos da Suíça, mas é explicada separadamente. Os representantes de Genebra afirmaram que era necessário uma Forma em que o Credo dos Apóstolos, a Oração do Senhor, os Dez Mandamentos e a doutrina dos sacramentos fossem esclarecidos e brevemente explicados. Dois ou três trechos desta Forma, juntamente com algumas passagens pertinentes das Escrituras seriam explicadas no culto à tarde aos Domingos.

Aqui, também, o problema de que os ministros dificilmente conseguiam levar as

peças a frequentar (o culto) catequético parece ser bem conhecido. Os ministros, então, deveriam insistir que, pelo menos, as crianças pequenas e as crianças mais velhas estivessem presentes. Uma advertência especial é acrescentada contra longas explicações oratórias do catecismo. A explicação do catecismo deveriam discutir o assunto das perguntas, evocando o assentimento dos ouvintes.

Então, segue o conselho dos *teólogos nas cidades da Alemanha*. *Aqueles de Bremen* começam com uma forte declaração: a instrução catequética seria a base para a edificação da igreja. Três maneiras de aprender o catecismo são mencionadas e discutidas: na escola, nos lares e na igreja. Sobre o catecismo na igreja, é declarado que seria realizado no lugar do segundo sermão, ou depois dele. Esta seria, então, uma parte bastante informal do culto, pois aqui também encontramos um interrogatório público. Ao final de seus conselhos, esses teólogos novamente fizeram uma forte declaração: se as pessoas jovens forem bem instruídas no catecismo, então, posteriormente, não será preciso se preocupar muito com os adultos.

A explicação da instrução catequética *em Emden* começa com uma observação histórica: uma vez que nada é mais necessário para obter um firme conhecimento da doutrina da salvação do que a catequização, e isso é como o fundamento de uma casa espiritual, nossos antepassados, portanto, no começo da Reforma, em 1520, fizeram o máximo para que as crianças, e os jovens também, aprendessem os primeiros princípios da doutrina cristã. Essa observação nos mostra que os reformados sabiam que estavam em conformi-

dade com a reforma luterana com respeito à instrução catequética.

O relatório de Emden também é interessante porque mostra como era organizado um culto catequético. Os professores levavam seus alunos para a igreja todos os domingos à tarde. Os ministros primeiramente oravam nesses cultos, depois mencionavam as principais partes da religião cristã: os Dez Mandamentos, o Credo, a instituição do batismo, a Ceia do Senhor, a disciplina eclesiástica e a Oração do Senhor. Em seguida, eles exigiam que as crianças recitassem as perguntas e respostas que seriam explicadas durante o culto. (As crianças, até os dez anos de idade, deveriam conhecer de cor todo o catecismo de Emden). Após isso, os ministros explicavam brevemente as perguntas e as respostas recitadas, e as aplicavam à vida das pessoas, tal como um sermão sobre uma passagem da Escritura. Dentro de três meses eles teriam repetido todo o catecismo.

A parte *norte da Alemanha* experimentava o mesmo problema para estabelecer a pregação catequética que era sentido em todos os lugares. Mas, os ministros não deveriam desistir. Os ministros das vilas, inclusive naqueles lugares onde apenas poucas pessoas frequentavam os cultos, faziam breves sermões catequéticos durante a primavera, o outono e o inverno. Pois a experiência havia ensinado que os ouvintes tinham aversão a pregações de longos sermões.

Tais foram os conselhos dos representantes estrangeiros. Todos eram a favor da prática estabelecida da pregação catequética. Não é de admirar que o Sínodo de Dort tenha mantido

a pregação catequética, juntamente com ensino do catecismo pelos pais e professores. O Sínodo decidiu que é o dever dos ministros manter os sermões catequéticos devidamente curtos e, tanto quanto possível, adequados à compreensão, não apenas dos adultos, mas também dos jovens.⁴⁹ Na Ordem da Igreja manteve-se a regra de que o catecismo deveria ser pregado no culto vespertino, Art. 68.⁵⁰

Voltando mais uma vez a Schaff, ele disse corretamente que a pregação do catecismo foi estabelecida particularmente nas Igrejas Reformadas da Holanda. Contudo, é também digno de nota que, no momento do Sínodo de Dort, todo o mundo reformado concordou com a pregação catequética e a praticou.

NOTAS:

1 A International Conference of Reformed Churches (ICRC) é uma entidade de reúne 31 confederações de igrejas reformadas presentes em diversos países. Ela existe desde de 1982. Para mais informações sobre a ICRC, acesse: <https://www.icrconline.com>. [N. do E.]

2 Schaff, Ph. Os Credos da Cristandade. Com uma informação Histórica e Crítica (revisado por David S. Schaff; 3 vols. 6ª edição; Grand Rapids: Baker Book House, 1990) 1, pp. 536f.

3 Ibid. Schaff fez essa observação contra os acadêmicos como Van Alphen e Niemeyer, que afirmaram que a divisão era ainda posterior a 1566.

4 “Ordem da Igreja” é um dos nomes dados ao documento que serve para regular a vida confederacional ou federacional de determinadas igrejas. O documento que regula a vida confederacional das Igrejas Reformadas do Brasil recebeu o nome de “Regimento”. As igrejas presbiterianas no Brasil (IPB, IPI, IPC) escolheram o nome de Constituição

para o documento que define a convivência de suas igrejas federadas. [N. do E.]

5 Bakhuizen Van Den Brink, J.N. *As Confissões holandesas em textos autênticos com introdução e comparações de textos* (2. ed., Amsterdã: Uitgeverij Ton Bolland, 1976) p. 30.

6 Ver o texto em Niesel, W. *Confissões e ordenanças da Igreja, reformadas de acordo com a Palavra de Deus* (3. ed. Zurich: Zollikon, n.d.) p. 149. A regra em si é formulada de forma bastante complicada, tentarei uma tradução para o inglês: “Além disso, a pregação catequética, também, deve ser observada todo domingo à tarde na hora que for mais adequada a cada lugar... Depois disso (o ministro) pedirá que alguns dentre os jovens digam um certo número de questões do catecismo explicadas nos domingos anteriores e especialmente as que serão tratadas no sermão (visto que deixamos divididos em Dias do Senhor por essa razão), as quais eles já teriam aprendido na escola ou em casa. E quando as respostas já tiverem sido dadas na presença de todas as pessoas, o ministro deverá explicar as próximas perguntas, para que ele pregue anualmente pelo catecismo ao menos uma vez por ano”. Existem, ainda, mais regulamentos sobre o catecismo na Ordem da Igreja. Todo domingo à tarde, um resumo de três páginas do catecismo deveria ser lido (pp. 184ff.) Nas cidades e vilas, o culto catequético deveria ser observado em todos os domingos e datas festivas. A Ordem da Igreja também inclui uma oração especial, para ser utilizada depois do sermão catequético (p. 200).

7 Ver a citação em Hollweg, W., *Novas Investigações sobre a História e Ensino do Catecismo de Heidelberg* (Neukirchen: Neukirchener Verlag, 1961) p. 137.

8 Ver Bakhuizen Van Den Brink, op.cit., p. 151.

9 Ver o texto em francês do Niesel, op. cit., pp. 3ff; a divisão nos Dias do Senhor não é apresentada. O texto em latim foi publicado por Barth,

P., Niesel, W., *Joannis Calvini Opera Selecta* (vol. 2; Mo-nachii in Aedibus: Kaiser, 1970), pp. 72ss; a divisão nos Dias do Senhor é apresentada em capítulos. Uma tradução em inglês foi publicada em *Calvino: Tratados Teológicos* (vol. XXII da Livraria de Clássicos Cristãos; tr. J.K.S. Reid; Philadelphia: Westminster Press, n.d.) pp. 88ss.

10 Ver a tradução em Reid, op. cit. p. 62.

11 Ibid., p. 69.

12 A instrução catequética não se limitava à igreja, entretanto. Os pais e os professores também deviam instruir as crianças, veja em Van't Veer, MR, *Catequese e material catequético em Calvino* (doct. diss. Free University; Kampen: Kok, 1942) pp. 61ss, 90.

13 Ibid., p. 171.

14 Uma versão em latim e em alemão do Catecismo Maior pode ser encontrada em Miller, J.C., *Os livros simbólicos da Igreja Evangélica Luterana* (New edition, 9th impression; Gutersloh: E Bertelsmann, 1900) p. 375ss. Uma tradução em inglês está disponível em *O Livro da Concórdia, As Confissões da Igreja Evangélica Luterana* (tr. and ed. by Th. G. Tappert; Philadelphia: Fortress Press, 1959) pp. 358ss. Os sermões fundamentados no Catecismo Maior, estão publicados nas *Obras de Lutero* vol 51: *Sermões* (ed. and tr. by John W. Doberstein; Philadelphia: Fortress Press, 1559) pp. 137ss.

15 Ver o texto Th. L. Haitjerna, “A pregação como pregação catequética” in *Manual para a Pregação* (edd. S. F. H. J. Berkelbach van der Sprenkel; P. J. Roscam Abbing; Amsterdam: Holland, 1948) 11, p. 287f.

16 T. Hoekstra diz que durante o século XVI, regras excelentes foram dadas para a instrução catequética nas igrejas luteranas, mas que, na realidade, isso não trouxe muito resultado, veja seu artigo “Catechese” em *Christelijke Encyclopaedie* (Kampen: Kok, 1925ff.) Vol, 1, p. 428, W. Jetter, porém, mostra com muitos exemplos que a pregação

catequética foi completamente desenvolvida nas igrejas luteranas, veja seu artigo sobre a pregação catequética em TRE vol. 17 (Berlin; New York: W. de Gruyter, 1988) p. 753-769. A pregação catequética era, de acordo com Jetter, responsável pelo estabelecimento de um novo tipo de cristianismo evangélico (p. 756). Ele responsabiliza o Iluminismo pelo seu desaparecimento (p. 774ss).

17 Ver em Dijk, K. O ministério da pregação (Kampen: Kok, 1950) p. 406.

18 Micron, M., De Christlicke Ordinancien der Nederlandtscher Ghemeinten te Londen (ed. W.F. Dankbaar; 's Gravenhage: Martinus Nijhoff, 1956) p. 68. Digno de nota, são os princípios em que os filhos mais velhos devem dizer de cor uma parte do catecismo, e que toda a congregação deve estar presente nesses cultos.

19 Em seu Table Talk, no. 4692, ver em M.B. Van I Veer, op. cit., p. 153, nota de rodapé 16.

20 O texto dessa instrução foi publicado e explicado em Troelstra, A., O estado da catequese na Holanda durante o século pré-reformado. (diss. Utrecht; Groningen: J.B. Wolters, 1901) pp. 105ss.

21 Ver em A. Troelstra, op. cit., p. 112ss.

22 A. Troelstra, op. cit p. 108. W. Jetter menciona que a pregação catequética tornou-se uma tradição estruturada na igreja; Sínodo Lambeth exigia isso do Clero quatro vezes por ano, veja seu artigo em “Pregação do Catecismo” p. 747.

23 Ver o artigo “Pregação do Catecismo” p. 747.

24 A citação é dada em A. Troelstra, op. cit., p. 126.

25 M.B. van 't Veer, op. cit., p. 169. Veja também a introdução de Lutero para a sua pregação catequética, em 1528: “Até o momento tem sido nos-

so costume ensinar os elementos e os fundamentos do conhecimento e da vida cristã quatro vezes por ano e temos, portanto, providenciado pregar sobre essas coisas por duas semanas a cada trimestre, quatro dias por semana às duas horas da tarde”. Em Sermões 1, As Obras de Lutero, vol. 51 (ed. and transl. John W. Doberstein; Philadelphia: Fortress Press, 1959), p. 135.

26 J. T. Muller, op. cit. p. 375; traduzido em Th. G. Tappert, op. cit., p. 358.

27 Ver em A. Troelstra, op. cit., p. 127ss; M. B. Van 't Veer, op. cit., p. 153ss.

28 Ver a citação em Gieseler, J. C. L., Livro didático da história da igreja (3. ed.; Bonn: Adolph Marcus, 1831) vol. 2/1, p. 71. Como também no artigo “Pregação do Catecismo” p. 747.

29 Este “serviço de culto” se refere a liturgia do culto. A palavra tem origem no grego leitourgos, palavra que servia para descrever alguém que fazia serviço público ou liderava uma cerimônia sagrada. Aplicando ao contexto do artigo, a liturgia é a ordem e a forma com que se realizam os atos nos cultos. [N. do E.]

30 Os sermões sobre Credo, na época, geralmente não eram pregados em público, uma vez que o Credo era visto como algo apenas para os iniciados. Portanto, os sermões sobre o Credo só poderiam ser pregados em ocasiões especiais para pessoas especiais, veja I N. D. Kelly, Credos Cristãos Primitivos (New York: Longman, 3rd ed. repr. 1983) ss. 32; 62.

31 T. Hoekstra, Homilética Reformada (Wageningen: Zomer & Keuning, [1937]) p. 369.

32 As Igrejas Reformadas da Holanda surgiram por volta do ano 1544. Nessa época as Províncias Unidas dos Países Baixos (Holanda e Bélgica) estavam em luta por sua emancipação do tirânico Império Espanhol. Este império tinha aliança com a

igreja do papa. Por isso, seus governantes objetivavam exterminar as igrejas reformadas. Por motivo de segurança a cidade de Wesel, na Alemanha, foi a sede escolhida pelas igrejas para a realização da primeira assembleia geral de ministros e presbíteros de Igrejas Reformadas da Holanda e de cidades alemãs. Essa assembleia foi a secreta Conferência de Wezel. O Dr. Gootjes no seu livro *The Belgic Confession: Its History and Sources*, na p. 99, diz o seguinte sobre a Conferência em Wezel: “... não foi um sínodo com autoridade para fazer decisões concernentes a matérias eclesiásticas, esta foi uma reunião de ministros que foram juntos a Wezel na Alemanha, na preparação da organização das igrejas reformadas na Holanda”. Apesar de não ter sido um sínodo, a conferência de Wesel foi muito importante para a história, liturgia e política eclesiástica das igrejas reformadas. Em Wezel foram tomadas decisões que providenciaram regulações para vida e ordem eclesiásticas das Igrejas Reformadas da Holanda. A conferência de Wezel preparou o caminho para o primeiro sínodo geral das Igrejas Reformadas que foi realizado em 1571 na cidade alemã de Emden. [N. do E.]

33 O texto em Rutgers, F.L., *Ata dos Sínodos Holandeses do século XVI* (2. ed.; Dordrecht: Van den Tol, 1980) p. 21.

34 F. L. Rutgers, *op. cit.*, 148. A regra foi reafirmada no Sínodo nacional de Dordrecht, 1578, *op. cit.*, p. 251; e enfraquecida pelo Sínodo de Middelburg, 1581, *op. cit.* p. 409.

35 A palavra “classis” (plural classes) vem do latim e indica uma divisão ou classe de pessoas ou de outros objetos. No governo eclesiástico reformado continental essa palavra foi escolhida para designar uma das assembleias maiores. O “classis” é a assembleia maior equivalente aos antigos concílios regionais das IRB ou aos concílios particulares de igrejas reformadas na Holanda. [N. do E.]

36 F. L. Rutgers, *op. cit.*, p. 160; ver a questão, p. 212.

37 Este foi o Sínodo Nacional de Middelburg (cidade no sudoeste da Holanda). [N. do E.]

38 Jeremias Bastingius (1551-1595) foi um teólogo reformado holandês mais conhecido por sua exposição do Catecismo de Heidelberg. Bastingius foi treinado por vários proeminentes reformadores de segunda geração. Ele estudou em Heidelberg sob Zacharius Ursinus em 1573, onde Petrus Dathenus foi seu companheiro de quarto, e em Genebra, sob Theodore Beza, em 1574, onde ele embarcou com Lambert Daneau. Ele também recebeu instruções de Gaspar Olevianus e formou-se sob Girolamo Zanchi como doutor em teologia em Heidelberg (1575-1576). Fonte: <https://deovivendiperchristum.wordpress.com/tag/jeremias-bastingius>. [N. do E.]

39 F. L. Rutgers, *resp.* p. 418 e p. 438, veja também p. 371. Duas palavras foram usadas na solicitação, homilia e exegemata. O sínodo decidiu que não deveria ser feita homilia, mas exegemata. S. C. Grobler afirma que homilia são sermões populares direcionados a aplicação nas vidas das pessoas, e que exegemata são sermões fundamentados exegeticamente. De acordo com Grobler, isso significa que o sínodo de Middelburg em 1581, decidiu que não deveriam ser feitas explicações populares do catecismo, mas explicações exegéticas das [passagens das] Escrituras conectadas com o conteúdo do catecismo; veja seu artigo em “Pregação do Catecismo e Construção da Igreja” em Venter, C. J. H., (ed.) *Deus constrói por Sua Palavra* (Potchefstroom: Departamento de Publicações Centrais Potchefstroom Universiteit vir CHO, 1988) p. 128. Penso que Grobler está correto em deduzir da decisão que o Sínodo considerava que os sermões simples (homilia) não eram suficientes. Não existe base, no entanto, para a suposição de que exegemata são explicações exegéticas da Escritura. O sínodo desejava que Bastingius escrevesse exposições exegéticas do catecismo. Essa explicação do Catecismo de Heidelberg foi publicada em 1588, e republicada por F. L. Rutgers: *Hieremias Bastingius, Verclaringe op den Catechisme der Christelicker Religie* (Amsterdam: J.A. Wormser, 1893).

40 Este foi o Sínodo Nacional de Hague (cidade na costa oeste da Holanda). Estê foi o último sínodo nacional antes do Grande Sínodo de Dort (1618).

41 Rutgers, F. L., Ata dos Sínodos Holandeses do Século XVI, p. 501.

42 Ver a decisão do Sínodo Provincial de Brielle, em A- N. Hendriks' "A pregação do Catecismo" 3 artigos em Reforma, Vol. 54, Nrs. 48ss. (1979) p. 757s.

43 De um artigo do S. Tuininga, em Reforma, Vol. 62, No. 33 (1987), p. 683.

44 Ver o desenvolvimento em Schotel, G. D. J., História da Origem, Implementação e Riquezas do Catecismo de Heidelberg (Amsterdam 1863).

45 A cidade de Gouda fica próxima de Amsterdã.

46 Ver em A. N. Hendriks, "A Pregação do Catecismo" p. 774; como também em S. C. Grobler, "Kategismusprediking en gemeente-opbou" p. 123s.

47 Isso aconteceu na Conferência de Delft em 1613, veja esses em I D. De Lind Van Wijngaarden, A Pregação do Catecismo e a Edificação da Congregação (2. ed.; Utrecht: Ruys: 1905) p. 52ss. É interessante nesse contexto, que a Ordem da igreja de Utrecht, 1612, foi publicada sob a influência dos remonstrantes. Ela possui um artigo sobre a pregação catequética. Essa pregação deveria ser preservada naqueles lugares onde já havia sido estabelecida (isso é contrário à regra nacionalmente adotada pela Ordem da igreja, de que o catecismo deveria ser pregado em todas as igrejas). Essa Ordem da igreja também afirma que a regra sobre a pregação catequética é temporária (por provisie), veja em Christelijcke kerckenordeninge der stadt, steden, ende landen van Utrecht (Utrecht: Samuel

de Roy, 1612) p. 10.

48 H. Kaajan resume as dificuldades acerca da pregação catequética do seguinte modo:

- a negligência dos próprios ministros, que não pregavam ou não exortavam as pessoas a comparecerem ao culto;

- os ministros tinham que cuidar de duas os mais igrejas, e não conseguiam supervisionar a ambas adequadamente;

- a dificuldade das pessoas de absterem-se dos jogos ou do trabalho aos domingos;

- a relutância dos remonstrantes em pregar o Catecismo de Heidelberg;

- o fato de que o governo permitia que as pessoas trabalhassem no campo aos domingos. Veja em O grande Sínodo de Dordrecht em 1618-1619 (Amsterdam: De Standaard, n.d.) p. 94,

49 Ver em Ata ou Atos do Sínodo Nacional (Dordrecht: Canin, 1621) 1, p. 30-41. Os conselhos geralmente dizem respeito ao ensino bem como à pregação catequética; em nosso resumo, nos limitamos às observações sobre a pregação.

50 op. cit p. 51.

51 No Regimento das Igrejas Reformadas do Brasil temos o Artigo 42: "Pregação sobre o Catecismo: O conselho cuidará de que, por via de regra, a doutrina da palavra de Deus, resumida no Catecismo de Heidelberg, seja ensinada uma vez a cada domingo". [N. do E.]

O DR. NIEK H. GOOTJES é ministro da Palavra das Igrejas Reformadas Canadenses (Emeritus). Ele serviu como Professor de Dogmatologia no Theological College das Canadian Reformed Churches.

Tradução: Morgana Mendonça dos Santos.
Revisão: Arielle de Eça.

A NATUREZA PASTORAL DOS CÂNONES DE DORT

Jim Witteveen

Quando pensamos no uso pastoral das confissões reformadas, provavelmente, a primeira coisa que virá a mente será o Catecismo de Heidelberg, e talvez nem nos lembremos dos Cânones de Dort. O Catecismo tem um lugar proeminente na liturgia das igrejas reformadas, uma vez que o usamos na pregação semanalmente. Esta confissão também começa com a declaração pastoral sobre nosso único consolo na vida e na morte – que não pertencemos a nós mesmos, mas ao nosso fiel Salvador, Jesus Cristo. Mas quanto aos Cânones... talvez consideramos que estes são pouco mais do que uma declaração doutrinária sobre os “cinco pontos de Calvinismo,” assuntos técnicos e polêmicos, e não algo importante na caixa de ferramentas pastoral.

Mas no trabalho pastoral, no nosso aconselhamento, qual é a arma mais poderosa que temos? É a graça de Deus. E quando pensamos nos cinco pontos do Calvinismo como as doutrinas da graça, somos levados a considerar esta confissão como algo mais do que uma declaração intelectual sobre assuntos teóricos.

É a mensagem da gloriosa graça de Deus, que é vital ao ministério pastoral, a pregação do Evangelho, o encorajamento dos crentes que estão sofrendo e lutando contra dúvidas e falhas e pecados, e a admoestação daqueles que estão se desviando do caminho de Cristo.

Nos Cânones de Dort, a igreja reformada começa com a Escritura. A doutrina central da Reforma Protestante, “Sola Scriptura,” fica no fundo da doutrina deste símbolo da fé, em contraste com os arminianos, que queriam julgar a Escritura conforme o padrão da lógica humana, e o intelecto humano. Enquanto os Cânones, ao contrário do Catecismo de Heidelberg e da Confissão Belga, não é uma tentativa da igreja em criar um resumo da doutrina bíblica, mas sim uma resposta a uma controvérsia específica. Essa base em “Sola Scriptura” afeta tudo na vida dos crentes.

Então, começamos com a Palavra de Deus - perfeita, inerrante e infalível, confiável e verdadeira. É a Palavra de Deus, a revelação de Deus, que fica no centro. Na Palavra,

temos tudo que precisamos para viver a vida cristã - a revelação do Criador, recebida pelas criaturas dependentes. E esta realidade tem muito a ver com muitas questões pastorais. Significa que, nem sempre podemos responder aos “por quês”, pois, muitas vezes essas perguntas não são respondidas por nós. Mas é comunicado a nós o que é, na verdade. Deus é soberano, e Ele se revelou nas páginas da Sua Palavra como a autoridade final.

Todos nós fomos criados com cérebros, como seres intelectuais. Podemos pensar e usar a lógica e a razão. Mas no final das contas, apesar de nossa incrível capacidade intelectual, precisamos nos lembrar de que somos seres criados e dependentes. Nós não somos a autoridade final em nada. Meu próprio intelecto deve estar subordinado àquele que é a fonte desse intelecto – Deus. Nós precisamos perceber as nossas limitações. Nós não sabemos tudo, não temos tudo planejado, e certamente não entendemos tudo. Nosso intelecto é limitado por sua própria natureza. Há coisas que não sabemos - e muitas vezes não sabemos o que nós não conhecemos!

Mas desde a queda no pecado, há outro aspecto do nosso intelecto, isto é, somos criaturas caídas. Somos afetados pelo pecado em todas as partes do nosso ser, incluindo nossas mentes. Portanto, não somente há certas coisas que não sabemos, como também há coisas que escolhemos deliberadamente não conhecer. Então, como existe Alguém infinitamente maior, eu devo me submeter a Ele e ao que Ele diz. Se Ele me diz algo que eu não entendo, ou se eu penso que a minha própria opinião e experiência é um contra-argumento efetivo ao que Ele me diz, eu preciso reconhe-

cer que estou vendo e entendendo essas coisas erroneamente. Eu preciso permitir que a Palavra de Deus corrija o meu pensamento.

Então, começando com a Palavra de Deus, vemos a soberania e a majestade dEle em todos os aspectos de nossa salvação. Saber que Deus é soberano em nossa eleição nos leva a humilharmos diante dEle em primeiro lugar. Somos totalmente depravados, dignos de receber nada mais que o julgamento e punição eterna dEle. E assim, não pensaremos mais do que deveríamos sobre nós mesmos, e daremos a Deus a glória que Ele merece.

A doutrina da eleição incondicional nos lembra da graça de Deus e do fato de que não há nada dentro de nós que o tenha levado a nos escolher. Ele não nos escolhe para sermos Seus filhos porque somos dignos - Ele nos escolhe por causa do Seu bom e soberano prazer. Então, quando consideramos a eleição incondicional dos pecadores por Deus para a salvação, somos também levados a nos humilharmos e louvarmos a Ele - Soli Deo Gloria - só a Deus seja a glória!

Desta forma, quando consideramos a doutrina da expiação limitada, somos também levados a louvar a Deus por nos escolher dentre todas as pessoas do mundo. Ele não apenas tornou a salvação possível para todos – Ele fez a salvação uma realidade para aqueles a quem Ele escolheu. Quando pensamos na Sua graça irresistível, vemos a nossa fraqueza em contraste com o poder de Deus Novamente, a incrível diferença entre Deus e o homem é destacada. E mais uma vez, Deus recebe a glória. Nós não temos que “permitir” que Ele faça o Seu trabalho em nós. Deus não é impotente

dessa maneira. Ele tem o poder. A Sua graça é irresistível. E, finalmente, quando pensamos na perseverança dos santos, somos lembrados de que até mesmo nossa perseverança na fé é uma questão da obra de Deus, não da nossa. Ele nos preserva. Ele nos mantém fiéis. Isso não é motivo de orgulho para os seres humanos, mas, outra vez, de humilhação.

Porém, ao mesmo tempo, o povo de Deus também recebe um conforto vivo, com segurança e confiança em Deus. Então, antes de tudo, há um foco em Deus e em Sua glória – isso é central. Mas quando damos a glória a Deus, também recebemos. Nós recebemos um conforto verdadeiro e vivo. Nós podemos viver em confiança. Nós não temos que viver com medo e dúvidas. Podemos ter certeza de nossa salvação, pois Deus é absolutamente soberano sobre tudo, e nada está fora de seu controle. E também aprendemos a responder à graça de Deus. E esse encorajamento e esse chamado para responder, é a natureza pessoal e pastoral dos Cânones de Dort.

Os Cânones de Dort enfatizam o amor de Deus e a graça de Deus. No primeiro capítulo, sobre a eleição e a reprobção divina, somos informados de que podemos ter certeza de nossa eleição – uma firme confiança de que as promessas de Deus são para mim e não apenas para os outros. Somos informados de como a doutrina da eleição deve ser ensinada - não tentando intrometer-se na mente de Deus. Não tentando discernir quem são os eleitos e quem são os réprobos. Esta doutrina é principalmente destinada à igreja. Na igreja, podemos e devemos pregar a eleição, com um espírito de discrição, para a glória de Deus e para o conforto do Seu povo.

Há também informações sobre o que fazer quando você não sente confiança nem a paz de Cristo, se você se encontra sem zelo e não se gloria em Deus através de Cristo. O Artigo 16 do primeiro capítulo nos diz o que precisamos fazer: devemos usar os meios que Deus nos deu. Não se assuste quando o pregador menciona a reprobção, se você está lutando para ser fiel. Não se conte entre os réprobos. Se você está lutando contra o pecado, mesmo quando você falhar, é um sinal de que o Espírito Santo está operando em você. Confie na Palavra de Deus, confie em Suas promessas, use os meios que Ele forneceu. Não seja um fatalista. E, ao mesmo tempo, não tente discernir os planos secretos de Deus. *“As coisas encobertas pertencem ao SENHOR, nosso Deus, porém as reveladas nos pertencem, a nós e aos nossos filhos”* (Dt 29.29).

É assim que os Cânones de Dort ensinam sobre a eleição. Você vê como esta mensagem pode ser um grande conforto para o povo de Deus? Muitas pessoas lutam com a dúvida e com segurança. E os escritores dos Cânones sabiam disso. Então, quando eles escreveram essa declaração doutrinária, eles não fizeram isso de uma maneira seca e abstrata. A eleição de Deus é um conforto para o povo de Deus, não uma doutrina abstrata. O Deus que elege é um Deus bom e gracioso. *“Não esmagará a cana quebrada, nem apagará a torcida que fumeja”* (Is. 42.3). Estas são as doutrinas da graça – doutrinas de um Deus perfeito, amoroso, fiel, compassivo, justo e santo - e não as doutrinas da construção teológica lógica e racionalista.

Encontramos também uma mensagem importante para os pais. Artigo 17 do primei-

ro capítulo fala sobre os filhos de crentes que morrem na infância. Seus pais não precisam viver com medo e dúvidas sobre o que acontecerá com seus filhos. Essas crianças não tiveram a oportunidade de responder ao chamado do Evangelho, mas a certeza é dada: a salvação está nas mãos de Deus. Não depende de humanos. Assim, os pais piedosos não devem duvidar a salvação dos seus filhos quando morrem na infância.

Um dos grandes problemas do arminianismo, pastoralmente falando, é que o evangelho arminiano nunca pode realmente proporcionar um conforto completo para o povo de Deus. Se você sabe que *“engano-so é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto”* (Jr 17.9), e se você sabe que *“não há justo, nem um sequer”* (Rm 3.10), você não pode ter confiança em si mesmo, nunca pode ter certeza de que será salvo. Você vai constantemente viver em dúvida, com medo, ansioso sobre se será salvo ou não.

Agora, pense sobre a doutrina da expiação limitada ou definida. Como essa doutrina pode ser útil para nós como povo de Deus? Como pode ser um conforto para o povo de Deus que Cristo morreu por um número limitado de pessoas e não por todos?

Na verdade pode ser, e de fato é um conforto vivo para o povo de Deus porque Cristo morreu, não para possibilitar a salvação para todos (que, por causa da nossa morte espiritual, realmente não salvará ninguém), mas para garantir a salvação daqueles que são Seus. Novamente, se entendermos realmente a natureza humana, saberemos que não podemos confiar em nós mesmos. A menos

que Cristo tenha realizado tudo por nós, nunca seremos salvos. Somos fracos. Falhamos. Pecamos. Tropeçamos. Somos pequenos, mas Deus é grande, e a salvação é inteiramente dependente dEle.

Os arminianos ensinaram que sem uma revelação especial, não podemos ter certeza da perseverança futura nesta vida. Nunca podemos realmente ter certeza de que somos salvos. E assim, o evangelho arminiano tem muito em comum com o ensino da igreja romana. Um cristão nunca pode estar certo. De fato, os arminianos disseram que é realmente *“louvável”* duvidar. A dúvida, eles disseram, é uma coisa boa – porque se você tem uma confiança firme, não terá motivação para viver uma vida santa.

Mas essa ideia é completamente errada. Nós só viveremos verdadeiramente para Cristo se tivermos uma firme confiança em Deus, se soubermos que a nossa salvação e perseverança na fé está completamente em Suas mãos. É assim que os escritores bíblicos nos encorajam a sermos santos - nos dando o indicativo em primeiro lugar (dizendo quem somos em Cristo), e somente depois disso nos dando o imperativo (o mandamento). Podemos ver isso em muitas passagens como, por exemplo, esta em Colossenses 3.1:

“Portanto, se fostes ressuscitados juntamente com Cristo, buscai as coisas lá do alto, onde Cristo vive, assentado à direita de Deus.”

Os Cânones concluem dizendo que essas doutrinas são odiadas por Satanás, mas amadas pela Igreja. Por que Satanás odeia esses ensinamentos? Porque ele não quer que

confiemos em Deus. Ele não quer que amemos a Deus. Ele não quer que sejamos confiantes e seguros em nossa vida cristã. Ele quer que duvidemos e vacilemos. Ele quer que pensemos que somos mais poderosos do que Deus, que nossa vontade pode impedir Deus, que nossas escolhas são mais efetivas do que as forças do Criador. Porque ele sabe que quando pensamos dessa maneira, nunca viveremos o tipo de vida cristã que podemos viver. Nunca experimentaremos o conforto vivo do Evangelho e nunca responderemos em fiel obediência à mensagem de conforto que Deus nos dá.

Esse ensinamento é lindo, em sua teoria e prática, na aplicação pessoal na vida

cristã. Para aqueles que experimentam dificuldades na vida, para aqueles que lutam com a dúvida, para aqueles que se perguntam, “Eu sou suficientemente bom para entrar o reino do céu?” ou “Deus realmente me ama?” ou “Eu perseverarei?” os Cânones nos fornecem as respostas Bíblicas. E essas respostas, dadas por Deus, fornecerão um conforto vivo – o conforto da própria Palavra de Deus.

PR. JIM WITTEVEEN é ministro da Palavra servindo como missionário da Igreja Reformada em Aldergrove (Canadá) em cooperação com as Igrejas Reformadas do Brasil.

R E V I S T A
D I A K O N I A

"SERVINDO A QUEM FOI CHAMADO A SERVIR."



INSTITUTO
JOÃO CALVINO



*Toda semana publicamos novos artigos em revistadiakonia.org.
Visite o site, inscreva-se em nosso Informativo e receba notificações sobre
novas publicações.*